

## **Cristo e a dureza de coração.**

Em nosso último encontro, estivemos meditando sobre o tema:

### **Fé em Cristo e responsabilidade humana.**

Vivemos em um misto entre “Tudo é responsabilidade de Deus” e “Se não fizermos algo, nada acontece”. Interessante o nosso cristianismo, para não dizer triste. O Criador em Sua soberania, decidiu o como e quando, e nós devemos nos sujeitar a isso. Nada acontece fora de Sua vontade, porém, Ele exige que assumamos a responsabilidade por nossos atos. Uma ação não exclui a outra, não pela necessidade de nosso agir, mas por simples obediência.

**João 11:44 E aquele que tinha estado morto saiu, com os pés e as mãos enfaixados e o rosto envolto num lenço. Então, Jesus lhes disse: Desatai-o e deixai-o ir!**

Sabemos cumprir as nossas obrigações, em nosso trabalho secular diário. Ninguém tem que nos lembrar de que a ausência ou a falta de eficiência pode nos acarretar um desconto no salário ou mesmo uma demissão.

Deveríamos, nos constranger a fazer o mesmo, no que se refere ao reino dos céus. Cristo faz o impossível e nos ordena a fazer o possível.

Sigamos o Seu exemplo e busquemos a Deus enquanto se pode achar.

### **Cristo e a dureza de coração.** Abra a Palavra de Deus...

A situação pós-milagre expõe a reação das autoridades de Israel ao fato de Lázaro. A comunicação de vida e liberdade ao homem, torna-se intolerável para o sistema de poder religioso. Racionalizam sua hostilidade contra Jesus, com pretexto de um bem maior nacional.

O sumo sacerdote propõe uma solução: Sacrificar um homem em benefício do povo. O Sinédrio, ao decidir matar Jesus, se opõe a vida que Ele oferece, preferindo o sistema de poder que leva a morte.

As trevas mais uma vez, em vão, tentam apagar a luz.

**João 11:47 Então, os principais sacerdotes e os fariseus reuniram o Sinédrio e disseram: O que faremos, uma vez que este homem está realizando muitos sinais?**

Os sumos sacerdotes e os fariseus reuniram então uma sessão do Sinédrio.

Os fariseus por si mesmos não podiam tomar uma atitude judicial definitiva.

O organismo judicial supremo no país, era o Sinédrio, que sob a autoridade romana controlava todos os negócios judaicos internos. Era simultaneamente um poder judicial, legislativo e, por meio do sumo sacerdote, também executivo; e considerava-se que toda essa autoridade tinha uma base em Deus.

Nos dias de Jesus, os membros do Sinédrio eram dominados pelos sumos sacerdotes e praticamente, todos eles eram saduceus.

Os fariseus constituíam uma minoria, mas muito influente.

O restante de seus membros, era formado por anciãos e pessoas de posses.

É a segunda vez que João observa a força do grupo dos fariseus, capaz de movimentar todo o aparato do poder.

São os mesmos dois grupos que deram ordem de prender Jesus no templo.

**João 7:32 Os fariseus, ouvindo a multidão murmurar estas coisas a respeito dele, juntamente com os principais sacerdotes enviaram guardas para o prender.**

Uns e outros passam por representantes de Deus, os primeiros pelo seu cargo, os segundos pelo seu conhecimento e observância da Lei.

Eles acham impossível contestar que Jesus está realizando muitos sinais, especialmente após a vergonha que sofreram em sua conversa com o cego de nascença que havia sido curado (cap. 9), e agora depois da ressurreição pública de Lázaro. Mas isso não os leva a reavaliar sua atitude em relação a Jesus. (Dureza)

São eles “os Judeus” que tinham perguntado a Jesus no templo se era o Messias (**João 10:24**) e tinham querido apedrejá-lo porque, sendo homem, fazia-se Deus (**João 10:33**). Jesus apelara às suas obras (**João 10:38**), que são “os muitos sinais” a que agora se referem e que motivam seu desespero.

Eles mesmos os chamam de “sinais”, mas, ainda que aponte para uma realidade divina, o círculo do poder nega-se a reconhecê-lo. (Dureza)

Dão-se perfeitamente conta de que tais ações não procedem de homem, mas isso não conta para eles, pois buscam somente o seu próprio interesse.

Eles têm que neutralizar a atividade de Jesus, mesmo que isso signifique tentar impedir o plano de Deus.

**João 11:48 Se o deixarmos continuar assim, todos crerão nele. Depois disso, virão os romanos e destruirão o santuário e a nação.**

Eles expressam seu medo, de que as expectativas messiânicas populares atinjam picos de agitação que produzam, com ou sem a aprovação de Jesus, uma revolta que faria com que o peso de Roma desabasse sobre a cabeça deles.

Eles temem que tais represálias possam terminar em destruição, não só do templo, mas a extinção de toda a nação.

Apesar de parecer uma preocupação genuína, eles são movidos pelas suas próprias posições de poder e de prestígio. (Pastores e a política)

Algo que ocorre semelhantemente com os discípulos de João Batista:

**João 3:26 E foram ter com João e lhe disseram: Mestre, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tens dado testemunho, está batizando, e todos lhe saem ao encontro.**

Para eles, os sinais de Jesus representam uma ameaça ao seu poder e temem que todos passem para Ele, reconhecendo os seus sinais.

A adesão do povo a Jesus significaria o fim de sua dominação. Buscam justificação para sua oposição a Jesus e a encontram no campo político.

Construíram seu sistema e querem conservá-lo, custe o que custar.

**João 11:49-50** Caifás, porém, que era Sumo Sacerdote naquele ano, disse: **Vós não compreendeis nada. Não vedes que é melhor que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda?**

Presidindo o Sinédrio estava Caifás, que naquele ano era o sumo sacerdote.

Ele tinha sido nomeado sumo sacerdote pelo prefeito romano Valerius Gratus.

Seu sogro era Anás, que ocupou o cargo antes dele e que teve um mandato longo após ele.

**Lucas 3:2** Sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto.

Caifás, sendo sumo sacerdote naquele ano, entra em cena e age como chefe do povo e que preside o Conselho. O líder exerce sua função, propondo uma saída. Corta brutalmente a discussão e apela ao interesse pessoal: “Não vedes?”

Com isso lhes evoca a ameaça de sua própria ruína, recorda-lhes que é sua autoridade que está em jogo, e assim ganha sua vontade e seu voto.

A frase de Caifás: “Que um só homem morra pelo povo e que não pereça a nação inteira”, recorda um episódio da vida do Rei Davi:

**II Samuel 17:1-3** Disse ainda Aitofel a Absalão: **Deixa-me escolher doze mil homens, e me disporei, e perseguirei Davi esta noite. Assaltá-lo-ei, enquanto está cansado e frouxo de mãos; espantá-lo-ei; fugirá todo o povo que está com ele; então, matarei apenas o rei. Farei voltar a ti todo o povo; pois a volta de todos depende daquele a quem procuras matar; assim, todo o povo estará em paz.**

Este texto, continua transparecendo o fundo messiânico em que se move a perseguição a Jesus, o Messias, o novo Davi.

Que a morte daquele homem fosse salvação para o povo, era precisamente o desígnio de Deus, que Caifás anuncia sem dar-se conta e do que os outros nada sabem. (Maus pode ser instrumentos de Deus)

Na frase de Caifás contrapõem-se dois termos: povo e nação.

“Povo” é o conjunto de pessoas com as quais Deus estabelece sua aliança e que, por este fato, se constituem povo de Deus.

**Êxodo 19:5** Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha.

“Nação”, porém, designa o povo judeu enquanto se diferencia dos outros, por sua organização teocrática. Nação está ligada ao templo e é governada pelos sumos sacerdotes.

Fazendo com que um homem morra pelo povo, quer salvar a nação, ou seja, quer impedir que desmorone o sistema religiosos, no qual ele exerce a autoridade suprema.

Segundo a vontade de Deus, Jesus morreu, mas a nação pereceu de qualquer forma, não por causa da atividade dele, mas por causa da constante busca por soluções políticas onde havia pouca renovação espiritual.

A justiça é sacrificada à conveniência.

*Os fins justificam os meios?*

Quando Caifás afirma que Jesus deve morrer pelo povo, ele está usando uma linguagem sacrificial, nunca num sentido cristão; mas que Jesus devia ser 'consagrado' à morte, sacrificado como um bode expiatório, para poupar a nação e seus líderes.

Purificação

Senhor Jesus, eu peço.

Faça com que eu nunca deixe de entristecer-me por causa disso, nunca esteja contente comigo mesmo, nunca imagine que posso chegar a um ponto de perfeição.

Mate a minha inveja, governe a minha língua, esmague o meu eu.

Dá-me a graça de ser santo, bondoso, gentil, puro, pacífico, de viver para Ti e não para mim mesmo, de imitar as Tuas palavras, atos, espírito, de ser transformado à Tua semelhança, de ser consagrado totalmente a Ti, de viver inteiramente para a Tua glória.

Livra-me do apego às coisas impuras, de associações erradas, da predominância das paixões más, da adulação do pecado, tão logo ela surja; para que com auto aborrecimento, profunda contrição, sincero coração buscador eu me acheque a Ti, lance-me sobre Ti, confie em Ti, clame a Ti, seja liberto por Ti.

Ó Deus, todo eterno, ajuda-me a compreender que todas as coisas são sombras, mas que Tu és a substância, todas as coisas são areias movediças, mas Tu és a rocha, todas as coisas estão mudando, mas Tu és a âncora, todas as coisas são ignorância, mas Tu és sabedoria.

Se a minha vida deve ser um vaso em meio ao fogo ardente, que assim seja, mas assenta-Te à boca da fornalha. Quando eu pecar voluntária, grave e angustiadamente, em graça retire a minha tristeza e conceda-me o perdão; remova o meu pano de saco e me vista com beleza; silencie meus suspiros e encha a minha boca de cânticos de ações de graça e hinos de louvor.

Que eu seja visto, por onde eu for, como a um Cristão.